

PLATÃO E A MAIS BELA TRAGÉDIA

José Renato de Araújo Sousa¹

Apesar de ter sido taxativo quanto ao perigo que a poesia representava, de forma surpreendente, Platão está, assim como os poetas, reinventando um lugar e um drama, por meio de sua imaginação poética, e daí conseguindo extrair um valor educativo dessa invenção mítica. Se levarmos em consideração que Sócrates diz no *Fédon* 61 b, “...quem quiser ser poeta de verdade terá de compor mitos e não palavras”, podemos dizer que Platão seguiu à risca esse preceito.

Mas o fato de ele seguir esse preceito socrático não o impediu de querer desterrar a poesia de Homero e dos outros trágicos do seu Estado ideal. Essa expulsão foi vista por Nietzsche como algo sintomático, próprio da cultura grega, no sentido de que eles, além do seu alto ‘gosto estético’, desenvolveram uma rivalidade pelo dom da criação artística. Nietzsche (2000, p. 70-71) foi um dos grandes observadores e intérprete dessa querela entre os gregos. Num de seus prefácios o filósofo escreveu:

Quanto maior e mais sublime um homem grego, maior a claridade com que emana dele a chama da ambição, consumindo todos os que seguem pelo mesmo caminho. Aristóteles fez uma lista, em grande estilo, de tais disputas hostis: nela, encontra-se o exemplo mais acentuado de que mesmo um morto pode provocar em um vivo o ciúme que o consome. Assim, Aristóteles aponta a relação de Xenófanes de Colofon para com Homero. Não entendemos, em seu vigor, esse ataque ao herói nacional da poesia – também

¹ Mestre em Filosofia e Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação/ UFPI. Email: renatocacto@hotmail.com

aquele posterior, em Platão – se não pensarmos que em sua raiz está uma imensa cobiça de ocupar o lugar do poeta abatido e de herdar a sua fama. Cada grande heleno passa adiante a tocha da disputa; em cada grande virtude, incendeia-se uma nova grandeza.

Nietzsche (2000, p. 73) afirma que os gregos são eternos rivais porque seus mestres assim o foram. Nesse ambiente assim cresciam os futuros filósofos, poetas, dramaturgos e rapsodos; todos buscavam superar os rivais em seus feitos.

Do mesmo modo, porém, que os jovens foram educados disputando entre si, seus educadores, por sua vez, viviam em recíproca rivalidade. Os grandes mestres musicais, Píndaro e Simônides, encaravam-se com desconfiança e ciúme; o sofista, maior dos professores da antigüidade, tinha os outros sofistas como rivais; mesmo o modo mais geral de instrução, a arte dramática, era participado ao povo na forma de uma imensa competição dos grandes artistas musicais e dramáticos.

Assim com Platão não seria diferente; o estilo dramático de seus diálogos seria uma forma de rivalizar com outras obras já existentes e com as que surgiam na sua época. Nietzsche (2000, p. 74) imaginou como teria pensando Platão ao escrever seus diálogos:

Vejam, também posso fazer o que os meus maiores adversários podem; sim, posso fazê-lo melhor do que eles. Nenhum Protágoras criou mitos tão belos quanto os meus, nenhum dramaturgo, um todo tão rico e cativante quanto o Banquete, nenhum orador compôs discursos como aqueles que eu apresento no Górgias – e a agora rejeito tudo isso junto, e condeno toda a arte imitativa! Apenas a disputa fez de mim um poeta, um sofista, um orador!

O filósofo alemão sabia bem o que significava essa disputa; ele mesmo elegeu-se o rival de Platão na modernidade. Conforme Lacoue-Labarthe (2000, p. 54) quando, numa carta, um amigo de Nietzsche lhe perguntou se ele tinha criado o Zaratustra para rivalizar com o Sócrates de Platão, um furor tomou conta de si, e respondeu que seu herói não parecia com nada.

Werner Jaeger (1989, p.534) não hesitou em afirmar que a forma ficcional do diálogo falado impediu Platão de declarar que seu estilo dramático devia prevalecer no lugar da poesia antiga. Nessa disputa, algo importante a notar é aquilo que viemos a chamar imitação. A primeira etapa da educação das crianças gregas era memorizar Homero, porque ele seria a fonte da cultura, uma espécie de enciclopédia, como sugeriu o helenista Eric Havelock (1996, p. 44). Não apenas os mais jovens, pessoas adultas também, caso dos rapsodos, continuariam por toda a vida a imitá-lo; outros, porém, farão suas próprias composições e nelas mostrarão sua intenção de se tornarem mentores de uma *paidéia* grega. Nem sempre essas criações são originais, muitas vezes elas são reinterpretações de mitos já conhecidos entre os gregos. Mas, para eles, a questão da originalidade não parecia ser um problema. O que importava eram as novas leituras ou interpretações que os novos artistas podiam dar ao seu público espectador através de suas recriações. Nesse processo, os gregos são os primeiros a descobrir a paródia, essa imitação que não se dá por completa, porque visa apenas a tomar emprestado as imagens essenciais de um mito, de uma metáfora, de uma ideia.

Esse processo o qual denominamos de paródia, termo muito usado na literatura moderna, na verdade refere-se a uma forma de reviver uma experiência sugerida numa imagem. Sobre essa tendência que era muito comum entre os gregos, Benedito Nunes (1999, p. 13) comenta:

Filósofos, os pré-socráticos pensaram o ser o vir a ser como poetas que escreviam em versos, a exemplo de Parmênides, ou em aforismos sibilinos, como Heráclito. A partir deles, nenhuma Filosofia viveria mais sem metáfora. E as metáforas dos pré-socráticos eram mitos revividos: vejam-se o rio e o fogo de Heráclito. A caverna de Platão pode ser interpretada como a alegoria da realidade dualista, mas é antes de tudo um antro cavernoso, como a morada de Circe: um lugar ctônico, semelhante à infernal morada de Demeter eleusina. Além disso, a escrita pré-socrática, conforme mostra Averincev (*Nas Fontes da Terminologia*

Filosófica Européia) está repassada por uma corrente paronomástica tão forte quanto a da poesia moderna.(...)”

A preocupação de Platão com a poesia tem a ver, justamente, com a produção dessas imagens (eikones), por isso vai exigir que o leitor ou expectador esteja atento ao *logos* poético, mantendo certo distanciamento da imitação das cenas dramáticas e do seu poder encantatório. No entanto, se sua crítica chega a ser exagerada para muitos, é porque sua relação com a poesia e a imitação parece ser de alguém que é ou foi capaz de sentir seus efeitos. Basta estarmos atentos para percebemos que sua crítica está sempre enfatizando o caráter emocional que a poesia pode despertar na alma através da imitação.

Assim, se um poeta quer ser um rival do filósofo na formação de uma *paidéia*, ele terá que repensar os fins que ele busca alcançar nas suas obras. Seus personagens não só deverão ser exemplos de indivíduos eticamente melhores, mas todo o seu pressuposto religioso deverá agora estar fundamentado na Idéia do Bem e de Deus, como causa somente do que é bom. A observação de Sócrates quando disse a Glauco que eles não são poetas, mas fundadores de cidades (...ouk esmèn poietai ego te kai sù en tòi paronti, all' oikistai póleos)², tem uma locução adverbial que soa como uma palavra chave para uma outra suposição *en tòi parónti*³ quer dizer ‘no momento, no presente instante’. No momento que Sócrates falava ele ainda não se sentia como um poeta ou um criador de fábulas. Mas a inspiração que vem das Musas parece tomar conta dele a partir daquele momento em que ele começa a comparar a Idéia do Bem com a imagem do Sol⁴. Mas Platão,

² Cf. *A República*, 378 e.

³ Na verdade, o que estamos chamando de locução adverbial é o particípio dativo de páreimi com a preposição en.

⁴ Cf. *A República*, 509 c. Por coincidência, nessa passagem, Sócrates ao dizer “para os objetos do conhecimento, dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo bem, como também é por ele que o Ser e a essência lhes são adicionadas, apesar de o bem não ser uma essência, mas estar acima e para além da essência, pela sua dignidade e poder”, Glauco com brincadeira diz: “- Valha-nos Apolo! Que transcendência tão divina!”

enquanto escritor, demorou re-admitir sua verve de poeta. Pois foi somente em sua última obra *Leis*, no final da vida, que o filósofo grego, na voz do Ateniense, seu *alterego*, admitiu que a fundação do seu Estado modelo é a mais bela das tragédias, e que ela compete com as peças trágicas dos poetas, aos quais ele diria, se tivesse uma oportunidade:

...nós também compusemos nossa tragédia, a melhor e mais bela que nos foi possível levar cabo. Nossa constituição inteirinha não passa de imitação do que a vida tem de mais belo e excelente, imitação que nós, pelo menos, consideramos verdadeira tragédia. Sois criadores, como também o somos, no mesmo gênero de poesia; concorrentes e rivais no mais belo drama que somente a verdadeira lei é capaz de realizar. (*Leis*, 817 a-d).

Ora competir com a tragédia ou com a poesia é supor que há uma outra poesia ou um outro tipo de arte que possa encará-la de igual para igual. Isso é que nos faz acreditar, assim como Jaeger, que Platão estaria pensando na forma artística do diálogo. Mas Platão nunca chegou afirmar isso diretamente. O que temos de notar é que a Filosofia – por ser um saber mais elevado e detentora de um *lógos* superior, é que é apresentada como verdadeira substituta da poesia. Tomar a Filosofia de Platão – embora ela só tenha sido nos transmitida pela forma do diálogo escrito – não é sustentar o contrário daquilo que Sócrates condenou com o mito da escrita no *Fedro*⁵? Então como sustentar, tal como Jaeger, que o diálogo seria a forma literária indicada, indiretamente, para ocupar o lugar da forma poética? Vejo nisso, o problema de admitir que a Filosofia em Platão se desenvolveu como o alicerce de uma

⁵ *Fedro*, 275 d-e. Sócrates após contar o mito da invenção da escrita pelo deus egípcio Teuth, diz o seguinte sobre ela: “ É que a escrita Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos. És inclinado a pensar que falas com seres inteligentes; mas se , com o teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmo dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrição, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados, injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmo são incapazes de se defenderem como de socorrer alguém”.

cultura da escrita, e isso é confiná-la na caverna da grafia, no próprio livro, quando ao contrário, Sócrates mostrou que ela estaria nos debates dialógicos, da cultura oral, contrapondo assim a tese de Havelock que a Filosofia de Platão se manifestaria contra uma cultura oral, que ainda não suportaria o método do raciocínio e a abstração das Formas. Mas de maneira irônica, é o método da dialética, ou o próprio método da Filosofia platônica que ainda precisa desses recursos poéticos para a fabricação dos seus mitos persuasivos.

Notamos ainda que algumas evidências demonstram que a poesia resiste contra os ataques empreendidos por Platão. Primeiro, a poesia era inerente a uma tradição em que palavra e música se confundiam numa unidade inseparável; segundo, sem os recursos estilísticos da poesia nem mesmo os mitos platônicos poderiam sobreviver; terceiro, Sócrates reconhecia que a Filosofia não poderia ser apreendida antes de uma completa maturidade dos indivíduos. Isso pressupõe que se ele banisse a poesia de vez ele não teria como transmitir os fundamentos éticos do Estado para as crianças, por exemplo.

A arte poética, de forma dialética, pareceu assim responder dentro do próprio diálogo que não seria só prazerosa, mas teria algo mais de útil a oferecer, ainda que viesse ficar subordinada ao método racional e conceitual da Filosofia. A dialética, com seu método da divisão, é capaz de atingir Formas inteligíveis que estão além da compreensão humana, pelo menos da maioria. Mas se o ser humano depende do conhecimento dessas Formas para se tornar melhor, e não é capaz de atingi-las, é necessário que o Filósofo, o amigo das Formas, desça ao mundo sensível e das imagens, para dizê-las através de metáforas e analogias, e algumas vezes de forma poética, visto que mito e poesia são quase símiles, como Platão deixou escapar em seu diálogo *Fedro*.

Também a tradição não deixou de perceber esse sintomático gênio poético que acompanhava Platão em seu exercício filosófico. Mesmo nesse diálogo, onde ele tentou expulsar a poesia, convidando-a a se defender, ele se aproveita dos mitos, para dizer que ela tinha poder de alterar os ânimos da alma. Mas ela também tinha o poder de criar mundos, de alimentar sonhos. E foi assim que Nietzsche (2000, p. 53-54) comentou esse gênio poético que imaginou a *politeía* ideal:

Segundo essas considerações, o Estado perfeito de Platão é certamente algo maior do que pode acreditar mesmo o seu adorador de sangue mais quente, sem falar na expressão risonha de superioridade, com a qual nossos eruditos “historiográficos” sabem rejeitar tal fruto da antigüidade. Aqui, uma intenção poética inventa e pinta com rudeza a meta própria do estado, a existência olímpica e a geração e preparação sempre renovadas do gênio, diante de que tudo mais não passa de instrumento, auxílio e condição de possibilidade. Platão olhou atrás dos pilares de Hermes, terrivelmente devastados na vida do estado em sua época, e percebeu ainda algo de divino em seu interior. Acreditou que era possível extrair esta imagem divina, e que o lado exterior, furioso e barbaramente desfigurado, não pertencia à essência do estado: todo o ardor e a elevação de sua paixão política se lançam sobre essa crença, sobre este desejo – ele se consome nessa brasa(...).

Nietzsche, nesse comentário, identificou Platão como um gênio de grande capacidade inventiva ficcional. Um gênio que optou por inventar não através de versos, mas na forma narrativa do diálogo. No diálogo platônico, mais precisamente este que comentamos, encontramos uma das relações entre a Filosofia x Poesia que Benedito Nunes (1999, p. 10) classificou como uma relação *disciplinar*, pois

“...Cumprindo tarefa preliminar de Estética, a Filosofia se empenha em conceituar a Poesia, em determinar-lhe a essência, para ela um objeto de investigação, que recai, como qualquer outro, em seu âmbito reflexivo e crítico. Unilaterais, as relações de caráter disciplinar são também unívocas: Poesia e Filosofia se apresentam, de antemão, como unidades separadas – aquela

pertencente ao domínio da criação verbal, da fantasia, do imaginário, esta ao do entendimento, da razão e do conhecimento do real. Formariam, portanto, diferentes universos de discurso, a Filosofia movida por um interesse cognoscitivo, que tende a elevá-la, mediante a elaboração de conceitos, acima da Poesia, dessa forma sob o risco de ser depreciada como ficção e, assim, excluída do rol das modalidades de pensamento. A poesia é considerada inferior ao saber conceptual da Filosofia, como pensamento que a supera explicando-a ou compreendendo-a. Tal superação ocorreria duplamente no plano cognoscitivo, pela explicação ou compreensão que a Poesia recebe da Filosofia e pela superioridade do conhecimento conceptual *in genere* que a essa última compete levar a cabo.”

Nessa relação, Platão expõe os motivos porque a poesia deveria estar subordinada à Filosofia, mas tal relação nem sempre é de exclusão. O filósofo ainda precisava recorrer à linguagem verbal da poesia para justificar um mundo que ele ainda acreditava ser possível como meta, e torná-lo um paradigma do sistema político dos gregos. Em Platão, percebe-se assim o entrelaçamento necessário entre ética, política e estética, como elementos formadores do homem e da sociedade virtuosas.

REFERÊNCIAS

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. De Artur M. Parreira. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

LACOUÉ-LABARTHE. *A imitação dos modernos – ensaios sobre arte e filosofia*. Trad. João Camillo Penna... [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MOUZE, Létitia. La dernière tragédie de Platon. *Revue de Philosophie Ancienne*. Vol. 16, N. 2, 1998, p. 79-101.

NIETZSCHE. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e prefácio Pedro Süssenkind. Rio de Janeiro – RJ: 7 Letras, 2000.

NUNES, B. Poesia e Filosofia: uma transa., in: *Olhar*, Ano I, nº 1, Jun. 1999.

PLATÃO. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da R. Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5 ed., 1987.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos A. Nunes. EDUFPA, 2007.